

"VISÃO DO PARAISO"

AO tratar de um campo particular dos estudos históricos — o descobrimento e a colonização do Brasil — aplicando à sua interpretação um dado psicológico do povo colonizador: o realismo, Sergio Buarque de Holanda, em seu estudo "Visão do Paraíso", lança os fundamentos de uma explicação "total" da maneira de ser do espírito português.

Nas mãos de um historiador simplesmente preocupado com o relato dos fatos, preso à letra dos documentos e desapercibido da curiosidade indagadora e da cultura humanística que constitui o lastro da formação de Sergio Buarque de Holanda, o estudo não teria alcançado tal amplitude.

É provável que o plano inicial da obra não contivesse, premeditadamente, essa extravasão das lindes de um estudo histórico. Se ela não participava do plano, ele a continha "innocentemente", dependendo da profundidade da visão do historiador o seu desenvolvimento.

Sucede que o "historiador" é apenas uma das possibilidades do espírito de Sergio Buarque de Holanda, cuja "qualidade dominante se encontra na capacidade criadora. Esta o levou a realizar, através de um estudo histórico, uma avaliação do lusitanismo, captado em um instante de apogeu de vitalidade do povo português: a Era dos Descobrimentos.

Exige-se do historiador uma espécie de Dom de Profecia ao inverso. Não lhe cabe predizer, mas redizer. E em ambos os casos creio que se pode falar de qualidade infusa.

Por isso é que se o "espírito de geometria" lhe é fundamentalmente necessário, não menos lhe será a finura de inteligência bastante para reelaborar criticamente, com o rigor do método, um passado tão distante e morto quanto o afastam de nós menos a cronologia do que a soma de interpretações falseadas, involuntárias visões estrabicas, distorções propositais e inconfessáveis.

O difícil, pois, é redizer os acontecimentos como na realidade ocorreram e não como parece terem sido. Difícil não por causa da relatividade dos julgamentos humanos, mas sim porque, apesar desse relativismo há um mínimo de certezas hipotéticas, entre as quais é preciso que se exerça a faculdade de escolha.

O equilíbrio consistirá na justa medida entre os dois erros extremos: De um lado a observância rígida ao "Post hoc ergo propter hoc", do outro a conceituação dos fatos históricos como meros epifenômenos.

De ambos os erros se afasta Sergio Buarque de Holanda. E assim é quando, por exemplo, ao sustentar a tese de que a mentalidade dos portugueses era arcaizante exatamente no momento em que aparentemente é a mais moderna de sua época, a ousadia da proposição engendra algumas das páginas interpretativas mais admiráveis

Nogueira Moutinho

do volume, nas quais se reafirma sua percuciência crítica.

"Visão do Paraíso" é um livro construído em torno de uma tese denominada pelo autor "as atenuações plausíveis". Pode-se mesmo dizer que o livro é a defesa dessa tese. Não terá sido por acaso que o capítulo que leva o nome referido de "As Atenuações Plausíveis" se encontra exatamente no centro do livro, o 6.º capítulo de uma série de 12, como o núcleo do qual se irradiaram ou em torno do qual se acumularam as iluminações ou as camadas que expandem ou solidificam a tese principal.

Observando a constância do refranger-se dos motivos edênicos, privados da intensidade inicial, na mente dos portugueses do século XVI, o autor foi levado à formulação dessa tese que, por analogia, leva a pensar nos grandes criadores no campo do romance, nos mestres da psicologia, Stendhal e Proust, um a descobrir as "cristalizações amorosas", outro, as "intermitências do coração".

A imensa erudição que Sergio Buarque de Holanda revela nesse livro não sobrecarrega a nitida linha exegetica traçada por seu espírito de historiador.

Preso a uma linha de rigor, como um arqueólogo que sob camadas e camadas sedimentadas pelos séculos persegue uma pista imemorial, o autor de "Visão do Paraíso" faz gigantesco levantamento de uma série infinda de dados literários, psicológicos, filosóficos e teológicos para, através dessa "floresta de exemplos", situar e revelar sua interpretação dos fenômenos tratados.

Quanto à linguagem, creio que se lhe pode dizer provinda das fontes mais legítimas da língua, dos escritores portugueses do século XVI, nos quais a elegância clássica se alia ao esplendor barroco e que devem ser, Diogo do Couto, notadamente, frequentados por Sergio Buarque de Holanda com amorosa constância.